

Música no Museu

7 MAR'26

15h30

VISITA GUIADA

GEOMETRIA ÓPTICA

16h00

DUO DE GUITARRAS

REPETIÇÕES

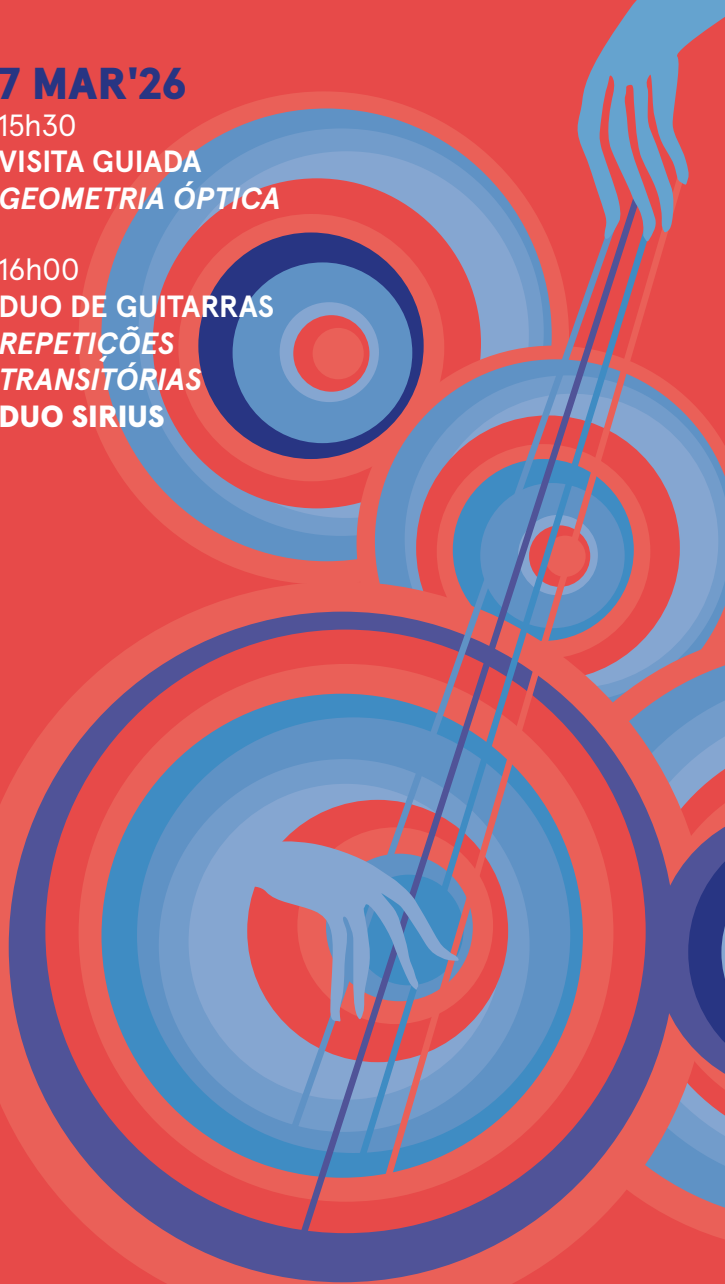
TRANSITÓRIAS

DUO SIRIUS



MAC/CCB

CCB



Temporada 2025/2026

Música no Museu

MAC/CCB

sábado, 16h

+6

Duração aproximada:

Visita (30 min) + Concerto (60 min)

PROGRAMA

15h30

Visita guiada com **João Mateus**

Tema: ***Geometria Óptica***

16h00

Duo de Guitarras

Repetições Transitórias

Duo Sirius

Guitarras clássicas e elétricas

Diogo João e Márcio Silva

Philip Glass (1937)

Mad Rush (arr. Duo Sirius)

Atanas Ourkouzounov (1970)

Reflet II; Reflet IV

Marek Pasieczny (1980)

Scintilla: After Arvo Pärt

Part One

Part Two «Psalm»

Part Three

Gulli Björnsson (1991)

Repetitive Concert Etudes

N.º 5 «5 Blaða Smári» – **Estreia Absoluta**

N.º 4 «Speglar» – **Estreia em Concerto**

Arvo Pärt (1935)

Da pacem Domine (arr. Duo Sirius)

Steve Reich (1936)

Electric Counterpoint

I. *Fast*

II. *Slow*

III. *Fast*

Uma iniciativa entre o Museu de Arte Contemporânea e Centro de Arquitetura e as Artes Performativas do CCB. Programação musical de Cesário Costa.

Nos dias em que decorre o Ciclo «**Música no Museu**», o programa ***A Voz das Cores***, da **Antena 2**, da autoria de **Andrea Lupi**, será inteiramente dedicado ao concerto e às obras que podem ser visitadas no MAC/CCB.



Vista parcial da exposição *Uma deriva atlântica*.
As artes do século XX a partir da Coleção Berardo
© Leonardo Ladeira/CCB

NOTAS AO PROGRAMA

Em *Repetições Transitórias*, o Duo Sirius, composto pelos guitarristas clássicos Diogo João e Márcio Silva, explora o universo da música minimalista, desde o seu lado mais espiritual, espaçado e contemplativo, até aos movimentos mais hipnóticos, tão incessantes na repetição quanto na transformação.

Este concerto divide-se em duas partes distintas, mas unidas por uma mesma essência musical. Na primeira, o Duo Sirius apresenta-se no seu formato mais tradicional: duas guitarras clássicas, explorando a intimidade própria desta formação. Na segunda parte, o repertório é interpretado exclusivamente em guitarras elétricas, recorrendo também a partes pré-gravadas.

O concerto *Repetições Transitórias* propõe explorar a dualidade sonora destas duas partes num espaço repleto de arte que provoca e desafia a nossa condição humana e a nossa posição num mundo altamente virtual, em veloz e constante mudança.

A peça de abertura do concerto, intitulada *Mad Rush* e composta pelo altamente influente compositor americano Philip Glass, representa uma iteração icónica do minimalismo do século XX. Escrita originalmente para órgão solo (e adaptada para duas guitarras pelo Duo Sirius) em 1979, a propósito de uma visita do Dalai Lama aos Estados Unidos da América, *Mad Rush* contempla as práticas espirituais do budismo tibetano a partir de um ponto de vista ocidental. A repetição mundana, o caos e o *stress* do dia a dia e a dificuldade em viver no presente misturam-se com práticas contemplativas de meditação e oração constante, bem como com a procura pela calma, iluminação e renúncia pessoal.

Seguem-se duas pequenas peças do compositor búlgaro Atanas Ourkouzounov, compostas entre 2000 e 2003. Estas obras apresentam um minimalismo menos convencional e refletem uma linguagem altamente rítmica, misturada com gestos musicais inspirados na música folclórica. Em *Reflet II*, o compositor utiliza a repetição e técnicas estendidas de guitarra para subverter expectativas, resultando numa sonoridade única. *Reflet IV* apresenta melodias que remetem para a origem do compositor e contempla a repetição constante, interrompida por quebras estratégicas, de forma quase hipnótica.

Scintilla: After Arvo Pärt, escrita pelo compositor polaco Marek Pasieczny, é uma adaptação de uma versão para guitarra solo de 2014/2015. Esta obra, composta por três andamentos, é um tributo a um dos nomes mais reconhecíveis do minimalismo: Arvo Pärt. Seguindo o estilo de composição *tintinnabuli* (pequeno sino) do compositor estoniano, Pasieczny remete-nos para uma espiritualidade ocidental e cristã, utilizando inspirações como o Salmo 130 e a sonoridade cintilante de sinos de igreja.

As últimas duas obras da primeira metade são dois dos sete *Repetitive Concert Etudes* (Estudos de Concerto Repetitivos), compostos pelo islandês Gulli Björnsson. *5 Blaða Smári* (trevo de cinco folhas) é uma obra inspirada na música de Arvo Pärt, em particular na sua música para órgão. Esta peça procura a fusão entre os dois instrumentos, de forma a soarem como um só, através de um fluxo musical contínuo. *Speglar* (espelhos) explora motivos musicais espelhados ao longo da peça. Estes estudos foram escritos com recurso a técnicas de geração algorítmica e criam uma ponte entre a composição musical tradicional e novos horizontes tecnológicos.

A segunda metade do concerto abre com *Da pacem Domine*, de Arvo Pärt, anteriormente mencionado como inspiração de inúmeras obras. Esta peça, originalmente escrita para quatro vozes e mais tarde adaptada para outras formações, é aqui recontextualizada para duas guitarras elétricas. *Da pacem Domine* é uma oração de paz universal inspirada em textos bíblicos e cita um canto gregoriano do século IX. Foi escrita a propósito dos atentados de 11 de março de 2004, em Madrid, para um concerto pela paz, sendo tocada anualmente em Espanha em memória das vítimas desta tragédia.

A peça final do concerto é a célebre *Electric Counterpoint*, de Steve Reich, escrita em 1987 para o guitarrista de jazz Pat Metheny. Esta obra foi concebida para ser tocada por um guitarrista ao vivo, acompanhado por partes pré-gravadas de dez guitarras e dois baixos. Estas partes são gravadas pelo próprio intérprete antes da apresentação ao vivo e constituem um elemento vital da performance e interpretação da obra. Para o concerto *Repetições Transitórias*, o Duo Sirius adapta esta peça para ser tocada por dois guitarristas ao vivo, com as restantes partes previamente gravadas pelo Duo. Apesar do aparente maximalismo na quantidade de partes, na duração, bem como na velocidade e energia, esta obra representa uma das iterações mais icónicas do minimalismo moderno.

Duo Sirius

Diogo João e Márcio Silva



DUO SIRIUS © INÊS SIOGA/ANTENA 2

Duo Sirius

O Duo Sirius foi formado em 2018, pelos guitarristas Diogo João e Márcio Silva, na sequência de colaborações em projetos de música de câmara, durante os seus estudos com Dejan Ivanović, na Universidade de Évora. Desde então, têm explorado amplamente o repertório para a formação e consolidado a sua experiência performativa, que inclui passagens pela Casa da Música do Porto, Fundação Calouste Gulbenkian, Conservatório Philppos Nakas (Atenas), Festival Internacional de Guitarra de Guimarães, Festival de Guitarra de

Lagoa, Festival do Estoril e Festival de Música de Câmara da Madeira, entre outros. Para além do 1.º Prémio em Música de Câmara – Nível Superior do Prémio Jovens Músicos (2022), o duo foi ainda distinguido com o 1.º Prémio no Festival Internacional de Guitarra de Véria (Grécia, 2022), o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Guitarra de Lagoa (2023) e o 2.º Prémio no Lígita – Festival de Guitarra do Liechtenstein (2023). Em 2024, o duo lançou o seu primeiro álbum, *Persona*, que reúne obras de Ronald Stevenson, André Jolivet e Tiago Quintas.

MÚSICA NO MUSEU

Que as artes dialogam não é novidade — a surpresa está, talvez, na sintonia entre a música de John Cage ou Morton Feldman e as obras da Coleção Berardo.

De janeiro a abril de 2026, sempre aos sábados, grandes nomes da música e da arte encontram-se no 2.º piso do

MAC/CCB, em recitais enquadrados pela exposição *Uma deriva atlântica. As artes do século XX a partir da Coleção Berardo*, numa convergência entre a programação do MAC e as artes performativas do CCB, com programação musical de Cesário Costa.

O ciclo «Música no Museu» iniciou com o recital de piano de **Ana Telles**, *Silêncio em três tempos surreais* (31 jan), uma viagem entre o insólito e o poético inspirada pelo surrealismo. O programa percorre obras dos séculos XIX e XX que exploram o humor, o sonho e a transcendência, de Tailleferre, Poulenc, Bonis e Satie a Scelsi, Tanaka, Gubaidulina e Messiaen.

Seguiu-se *Sonatas e Interlúdios* (7 fev), de John Cage, interpretada por **Elsa Silva** — uma obra para piano preparado que transforma o som em paisagens sonoras inéditas. Criada entre 1946 e 1948, explora as emoções humanas segundo a filosofia indiana do *rasa*, combinando rigor formal e liberdade tímbrica.

Hoje, **Duo Sirius** percorre o universo da música minimalista, entre a contemplação e o ritmo hipnótico da repetição, com obras de Steve Reich, Philip Glass e Arvo Pärt, e de compositores-guitarristas como Gulli Björnsson, Átanas Ourkouzounov e Marek Pasieczny.

Camilla Mandillo (11 abr) encerra o ciclo com uma homenagem a Morton Feldman e às suas «três vozes». Escrita para uma voz ao vivo e duas pré-gravadas, *Three Voices* combina minimalismo e silêncio com fragmentos de um poema de Frank O'Hara, revelando a estética contemplativa e experimental do compositor.

Música no Museu

11 ABRIL

15h30

VISITA GUIADA

AINDA A PINTURA

16h00

RECITAL DE CANTO

TRÊS VOZES DE MORTON FELDMAN

CAMILA MANDILLO

MAC/CCB

PISO 2

+6



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA
LISBOA**



em parceria com:



Tintas Robbialac

SONY



El Corte Inglés

